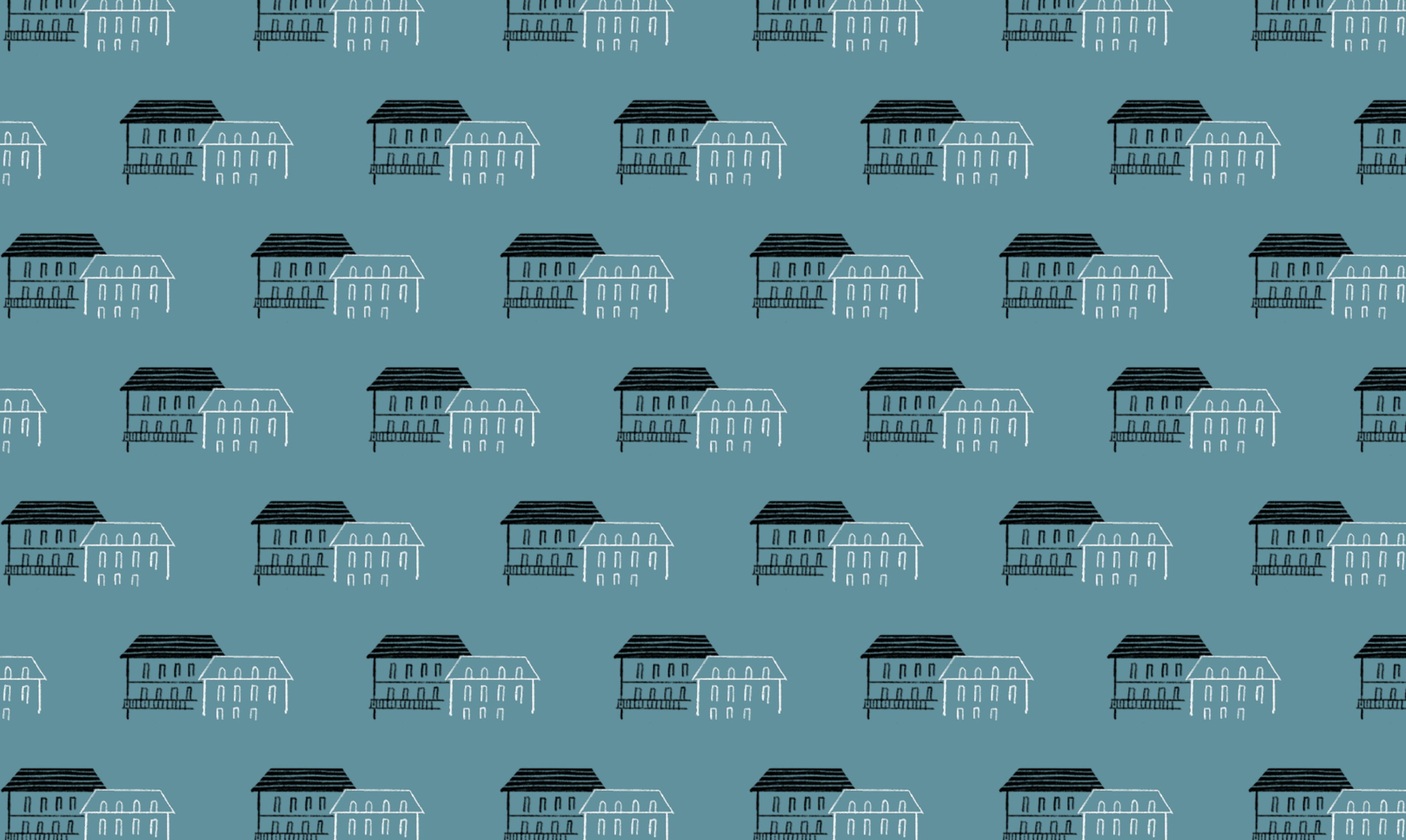


TEXTO ANA MARIA MAGALHÃES E ISABEL ALÇADA
ILUSTRAÇÕES JOÃO FAZENDA

LX Hostel





Pela Cidade Fora, Educação para a mobilidade – Lisboa é uma iniciativa da EMEL – Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa, E. M., S. A., orientada para a formação da cidadania das novas gerações.

www.pelacidadefora.pt

LX HOSTEL

Coleção: Pela Cidade Fora
Edição: ©2018 EMEL
Empresa Municipal de Mobilidade
e Estacionamento de Lisboa, E. M., S. A.
Texto: ©Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
Ilustrações: ©João Fazenda
Direção de arte: Pato Lógico
Design: Ana Fialho/Pato Lógico
Coordenação editorial: Inês Felisberto/Pato Lógico
Revisão: Nuno Quintas
Impressão: Printer Portuguesa
1.ª edição: outubro de 2018
ISBN: 978-989-99998-8-6
Depósito legal: 446032/18

TEXTO ANA MARIA MAGALHÃES E ISABEL ALÇADA
ILUSTRAÇÕES JOÃO FAZENDA

LX Hostel



Um *hostel* é um lugar animado e movimentado. Rui contava com isso mesmo quando se candidatou para trabalhar como rececionista de noite no LX Hostel e divertia-se bastante a atender e a confraternizar com as sucessivas vagas de turistas, na maioria jovens, vindos de todas as partes do mundo. Em pouco tempo aprendera a dizer «bom dia», «boa tarde», «boa noite» e «boa viagem» em várias línguas, ganhara algum dinheiro extra a servir de cicerone ocasional a grupos que solicitavam orientações, já fizera amigos e recebera convites para visitar cidades como Berlim ou Pequim. Convites que esperava se mantivessem válidos até ao dia em que lhe fosse possível comprar finalmente o bilhete de avião. Caso o tempo apagasse os laços de afeto e se esquecessem dele, paciência. Outros haviam de aparecer, prontos a abrir as portas de casa. Não podia, pois, estar mais satisfeito com o seu *part-time*, que, além de tudo, lhe deixava tempo livre para frequentar a escola de teatro.



Naquela noite, porém, sentia-se a desfalecer de fome e cansaço. Ainda não parara de atender clientes, por azar todos muito barulhentos. Precisava de comer qualquer coisa e descansar uns minutos. De vez em quando, lançava miradas ao relógio da parede, mas o tempo arrastava-se, como sempre que temos pressa. A dona do *hostel* percebeu e interpelou-o:

– Estás maldisposto, Rui?

– Não, é só fome.

– Vai comer.

Acabava de registar a entrada de dois australianos e conduziu-os ao quarto, convencido que de seguida poderia usufruir de uma pausa. Mas, quando regressou à entrada, a dona do *hostel* acabava de verificar no computador que havia mais duas marcações para aquela noite.

– Se calhar, desistiram.

– Não creio. Pelo nome, suponho que são japoneses, e os Orientais nunca desistem.



Sorria-lhe bem-disposta. Aquela senhora estava sempre, ou quase sempre, bem-disposta.

– Vai à cozinha e serve-te do que encontrares. Anda, vai comer antes que desmaies.

– Nunca na vida perdi os sentidos.

– Ainda bem. No entanto, prefiro que não comeces hoje.

Rui afastou-se em direção à cozinha, onde não chegou a entrar porque tocaram à porta. A dona do *hostel* abriu e irrompeu por ali dentro uma rapariga demasiado bonita para que não fosse ele a atendê-la. Pôs-se rapidamente atrás do balcão, cruzou um olhar cúmplice com a patroa e disse-lhe num murmúrio:

– Japonesa, não é.



De facto, não podia ser. Alta, de cabelos loiros quase brancos, olhos claros, com a particularidade de um ser verde e outro azul, o que lhe dava imensa graça, boca pintada de vermelho-vivo, elegante de frente, de lado e de perfil, enfim, a mulher perfeita. Perfeita em tudo menos na fala, pois um leve defeito na maneira de pronunciar as palavras tornava o seu inglês quase incompreensível. Para se entenderem, foram necessárias duas cabeças a funcionar, a dele e a da dona do *hostel*. Mesmo assim, tardaram a perceber que aquela hóspede dinamarquesa vinha do Japão, e o amigo japonês com quem devia ter viajado ficara retido em Tóquio, devido a problemas familiares, mas talvez se lhe juntasse dentro de um dia ou dois, pelo que insistia em reservar cama para ele.



– OK – disse o Rui, explicando que no *hostel* até tinham um quarto de duas camas, aliás, o último vago.

A rapariga estendeu-lhe a mão e apresentou-se, como quem dá por finda a conversa.

– Karen.

A dona do *hostel* aproveitou e apresentou-se também:

– Susana.

Karen tentou reproduzir o som.

– Uzana?

– Ou isso. E eu sou o Rui. *I am Rui. My name is Rui.*

– Yes. *Ru.*

Rui pegou na mochila maior, que pesava muito mais do que é habitual na bagagem de quem se hospeda em *hostels*, e levou-lha ao quarto. Antes de fechar a porta, lançou-lhe uma última olhadela avaliadora. «Que espetáculo!», pensou. «Oxalá os nossos horários coincidam para a tornar a ver.»



Desta vez sim, foi direto à cozinha, fez uma sanduíche gigantesca e sentou-se a comer, sem prestar atenção ao sabor por ter a mente a abarrotar de imagens sugestivas que ia enrolando em volta de um nome de mulher, Karen, e do nome de um país, Dinamarca. Com sorte, talvez acabasse por ser convidado a visitar Copenhaga e nesse caso desencantaria uma maneira de lá chegar. «Avião, comboio, barco, tudo serve. Até posso inscrever-me para empregado num navio de cruzeiros e, quando pararmos em Copenhaga, evaporo-me.»

O pão chegava ao fim, deitou a mão ao fruteiro sem se preocupar com a escolha. Entrara em delírio, já não estava ali, navegava no Atlântico Norte, a bordo de um navio espampanante onde a toda a hora uma voz feminina chamava:

«Ru... Ru...»

Findo o turno, foi para casa, deitou-se, dormiu mal e acordou cedo. Esteve vai-não-vai para passar pelo *hostel*, mas desistiu, receando aborrecer Susana, pois, quando o contratara e a mais três empregados, tinha imposto aquilo a que chamava «regra de ouro».



– Romances com hóspedes aqui são proibidos. Por favor, não misturem a profissão com a vida pessoal. Namorem quem quiserem nas horas vagas, cá dentro comportem-se como se fossem robôs.

A resposta titubeante fora:

– Com certeza, fique descansada.

Até àquela data, nem ele nem nenhum dos outros se queixara da dificuldade em cumprir o prometido. Só Karen viera baralhar o esquema. Que fazer?

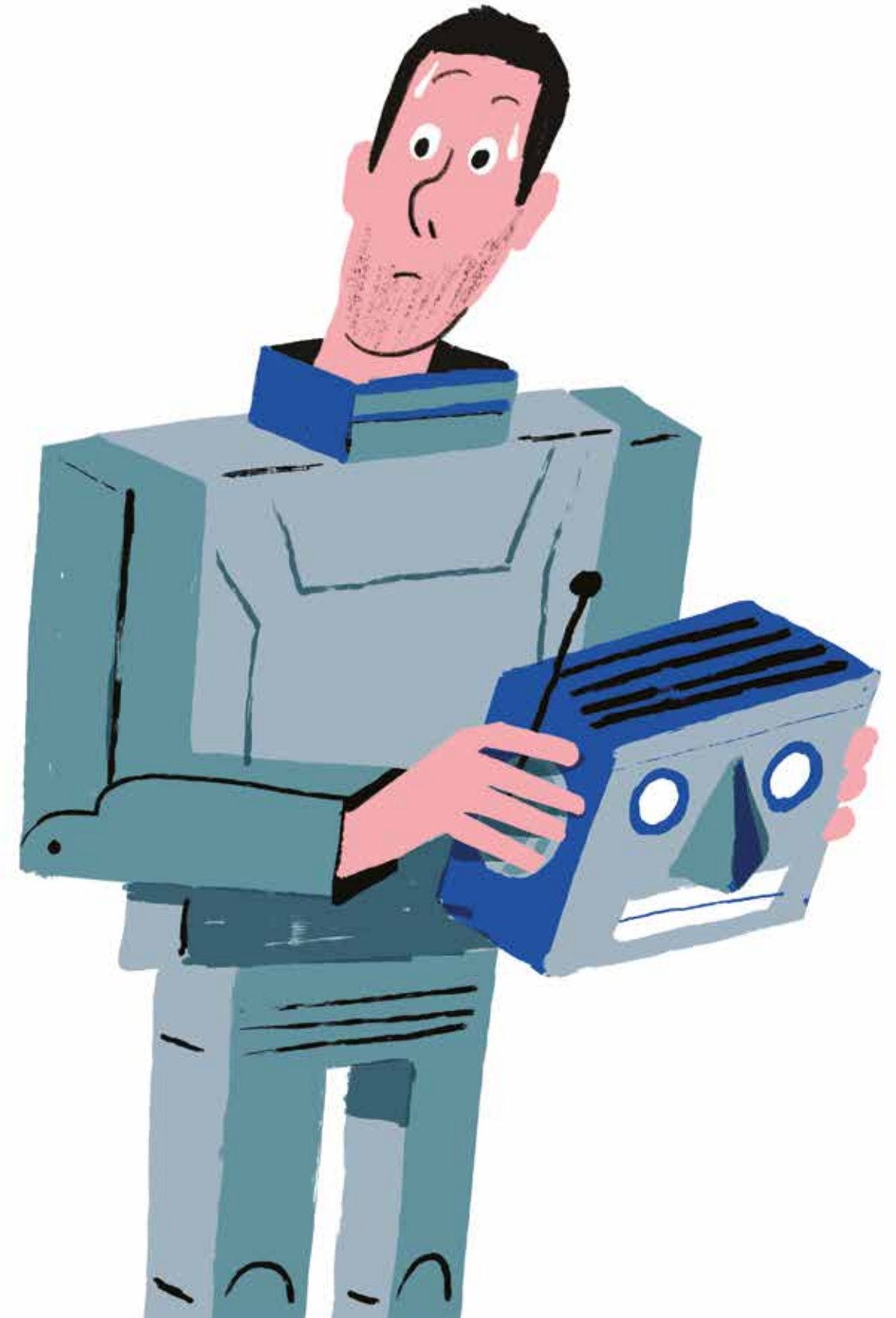
Não precisou de pensar muito para tomar a única decisão possível.

– Disfarçar. Tenho de disfarçar.

Enquanto tomava duche, congeminou várias estratégias para ir ao *hostel* antes da hora sem despertar suspeitas.

– Finjo que me esqueci do telemóvel?

Digo que um dos australianos me contratou como guia? Ou que preciso de falar com um dos colegas para pedir troca de horário na semana que vem?



Estas e outras ideias que pescava da «caixa das mentiras» pareciam-lhe tão frouxas e pouco convincentes que as pôs de parte. Enrolado num toalhão turco, enxugou primeiro o corpo e depois o cabelo. Viu-se ao espelho, deitou a língua de fora, vestiu-se e foi para a escola de teatro. Ainda só lá estava o professor encenador, às voltas com uma nova peça que tencionava ensaiar e apresentar ao público, na festa que preparavam. Assim que o viu, preveniu:

– Tem uma personagem que parece criada a pensar em ti. Entregou-lhe uma cópia do texto e desafiou-o a descobrir qual era. Rui olhou em volta à procura do recanto mais convidativo para ler. A sala, grande e espaçosa, tinha pouca luz e muita tralha encostada às paredes. Debaixo da janela estava um pufe cor de laranja que lhe serviu de assento. Instalou-se e deu início à leitura. O pior é que as frases não ganhavam sentido. «Estou obcecado com a dinamarquesa», concluiu. «E as obsessões não contribuem para o equilíbrio mental. Tenho de me libertar!»



De novo mergulhou no texto, de novo lhe pareceu completamente desinteressante. No entanto, manteve a pose de quem lê até ao momento em que Elisa entrou na sala, impregnando o ar com o seu inconfundível perfume de lima-limão. Vinha risonha como de costume, vestia de azul, enfeitara-se com uma, ou talvez duas, camadas de pestanas postiças que lhe ampliavam os olhinhos pretos, piscos, sua imagem de marca. Até então, bastava vê-la para que o sangue lhe disparasse nas veias a grande velocidade. Mas até isso a maldita Karen alterara.

«Maldita?», pensou. «Estou a ser injusto, ela não tem culpa e nem sequer sabe que me deixou em agonias.»

Certo de que a única solução para tanto incómodo era vê-la outra vez, encontrar-lhe algum defeito, ou pura e simplesmente comenetrar-se de que se tratava apenas de mais uma estrangeira gira.

Dobrou os papéis, gaguejou desculpas e saiu porta fora, deixando o professor encenador perplexo e Elisa muito desgostosa.



Na rua, sem a menor hesitação, tomou o autocarro da carreira que habitualmente utilizava para circular entre a escola de teatro e o *hostel*. Pouco depois, apeava-se de um salto para se lançar de cabeça em direção ao único sítio da cidade que naquele momento lhe interessava. Por sorte, a patroa tinha saído e quem estava de serviço atrás do balcão era o mais macambúzio dos colegas. Não foi necessário inventar justificações para se apresentar antes da hora, nem para explicar por que motivo enveredava pelo corredor se não tinha tarefas a cumprir. Como o outro nada perguntou, o projeto ficou facilitado. Mas que projeto? Na verdade não planeara nada, limitava-se a querer ver Karen. Estaria no quarto? E, se estivesse, que pretexto seria aceitável para a incomodar? À medida que se aproximava da porta, abrandava a marcha.

«Digo o quê? Faça o quê?»

Afinal os astros conjugaram-se para o apoiar: a porta do quarto estava aberta e Karen, sentada diante da janela com vista para o rio, manejava pincéis e tintas, reproduzindo a magnífica paisagem numa tela. E assobiava baixinho uma bela melodia. Rui ficou petrificado a observá-la.

«Esta rapariga é uma autêntica bomba!»



Disfarçadamente, pegou no telemóvel e tirou-lhe uma série de fotografias. De súbito, ela virou-se, viu-o e saudou-o de forma amigável. Pelo menos o tom era amigável. Quanto ao resto, não percebeu patafina para além do som *Ru*. Rui apontou-lhe a tela e fez os maiores elogios à pintura. Karen, visivelmente satisfeita, arrumou os pincéis, ergueu-se, fechou a janela e desatou a falar, a falar, sublinhando tudo o que dizia com abundância de gestos. Graças ao expressivo gesticular, tornou-se claro que desejava sair. «Parece que me está a pedir que a acompanhe. É para já.» Radiante, entendeu por bem dizer-lhe para onde iam. – Rossio. Rossio. Ela acenou que sim e seguiu-o, a fazer comentários e mais comentários, certamente interessantíssimos; pena não conseguir entendê-los, mas paciência. O Rossio formigava de gente, conforme se tornou habitual desde a invasão turística. Havia pessoas de todas as idades nas esplanadas e tomavam refeições tão díspares que, observando os pratos, ninguém ficava a saber se eram horas de tomar o pequeno-almoço, de almoçar ou lanchar. O que, atendendo à alegria geral, pouca importância tinha.



Karen sentou-se na esplanada que mais lhe agradou, pediu o mais exótico dos sumos e bebeu-o devagar através de uma palhinha. Quando terminou, engoliu em seco, inspirou fundo para tentar fazer-se entender à primeira e conseguiu. Queria que Rui a levasse a um miradouro de Lisboa. Ele dispôs-se de imediato a fazer-lhe a vontade, mas quis apresentar várias hipóteses. A melhor forma de o fazer era apontando na direção dos inúmeros miradouros que existem na cidade. De braço estendido ora para aqui, ora para ali, foi dizendo os nomes.

– Miradouro de Santa Catarina. Miradouro de Santa Luzia. Castelo de São Jorge.

O castelo, bem à vista, a coroar a Baixa lisboeta, tornou-se logo o mais apetecido.

– Pronto, vamos até lá – decidiu o Rui, sem saber ao certo que transporte haviam de tomar. – Autocarro? Elétrico?



Ela percebeu e atalhou, naquele linguajar indecifrável.

– Uólcár.

Rui pestanejou, atrapalhado.

«Que raio será «Uólcár»? Algum meio de transporte dinamarquês que ainda não se generalizou no Sul da Europa?»

Vendo que não a entendia, Karen repetiu e repetiu o mesmo, sem qualquer êxito. Optou então por recorrer aos gestos, espetou dois dedos em cima da mesa e utilizou-os para que ele percebesse que queria caminhar.

«Ah! *Walk!* Que estupidez, como é que não percebi à primeira? Quer ir a pé. Mas temos de subir imenso.»

Para ter a certeza de que era isso que ela realmente desejava, fez-lhe notar a altura da colina. Karen não se mostrou impressionada e insistiu, orgulhosa:

– *I like uólk!*

«Pois muito bem. Se é andarilha, eu também sou.

Toca a dar à perna, sem mostrar sombra de cansaço!»



Meteram-se ao caminho e foram subindo, subindo, rumo ao Castelo de São Jorge, Karen maravilhada com as ruas estreitinhas e com as casas de outros tempos, Rui maravilhado por ir ao lado de uma mulher tão bela. Alcançaram o topo mais depressa do que era de esperar e foi um prazer imenso franquear os portões e irem debruçar-se na muralha a olhar os telhados de Lisboa, as gaivotas, os barcos que navegavam no rio.

Karen espreitou a vista até à linha do horizonte e murmurou alguns sons que Rui interpretou e repetiu em voz alta:

– *Beautiful?*

– *Yes! Yes!* – foi a resposta, acompanhada de um sorriso esplendoroso. Mas o melhor ainda estava para vir: enfiou-lhe o braço e, arrastou-o ao longo da muralha para desfrutarem juntos de outros ângulos de visão e nunca mais o largou.

De vez em quando, interpelava-o. As frases começavam sempre por *Ru*, o que provocava arrepios, quanto ao resto, mistério... não entendia patavina.

«Palavras para quê?», perguntava de si para consigo. «Passeios românticos dispensavam palavrório.»



A tarde estava linda; percorreram todos os recantos do castelo, Karen sempre fresca e cheia de energia como uma verdadeira *walker*. Menos habituado a longas passeatas, Rui insistiu para que regressassem ao *hostel* de autocarro ou de elétrico. Ela concordou, tomaram um elétrico e adorou a viagem. Quando entrou de serviço, viu-se obrigado a disfarçar a alegria que lhe inundara o espírito para que a patroa não desconfiasse de que se atrevera a ignorar ou mesmo a quebrar a «regra de ouro». E sentiu-se na obrigação de responder aos inúmeros SMS que recebera da Elisa. A certa altura, impacientou-se e preferiu desligar o telemóvel.

«A Elisa que esqueça. Enquanto a Karen cá estiver, dedico-me à Karen. Depois, logo se vê.»



Para grande desgosto da Elisa, que não percebia o porquê do afastamento, tomou a decisão à letra, dedicou à dinamarquesa todo o tempo livre e não se arrependeu porque ela era a companheira ideal. Companheira de jornadas sem fim, muitas vezes a pé e muitas outras de autocarro e de metro, percorreram a cidade em todas as direções. Karen entretinha-se a observar as pessoas que viajavam nos transportes públicos e, no seu inglês turvo, fazia comentários com graça. Ao fim da tarde era certo e sabido que insistia em fazer *jogging* num jardim e certamente devido à prática regular de exercício, era o exemplo acabado de condição física perfeita. Rui alinhou em tudo o que ela propôs e constatou que também ele enrijara os músculos e adquirira fôlego de campeão. Na escola de teatro toda a gente lhe fez reparos.

- Que tens, Rui?
- Eu? Nada.
- Estás diferente.
- De quê?
- De ti próprio.
- Para melhor ou para pior?



As respostas variavam: uns riam, outros olhavam-no de soslaio. Ele não adiantava explicações, mas não resistiu a vangloriar-se do excesso de energia, o que levou o professor a encarregá-lo de mudar de sítio um cenário pesadíssimo. E ele mudou, sem pestanejar, saudado com uma salva de palmas pelos colegas. Elisa afastou-se para um canto, de olhos húmidos, porque aquelas atitudes só podiam ter um significado: Rui gostava de outra, Rui andava com outra, Rui já não lhe ligava nenhuma. Ele percebeu, esteve quase a aproximar-se para a consolar, mas que lhe diria?

«Se confesso a verdade, larga para aí numa choradeira. Mentir só vai trazer mais problemas.»
Optou por fazer de conta que não tinha visto e, assim que pôde, saiu porta fora, ao encontro da Karen. No *hostel*, esperava-o uma cruel desilusão.



– Saiu – disse-lhe a patroa, com cara de poucos amigos.
– E deve demorar, porque levou os materiais de pintura.
– Ah!
Fez-se silêncio, Susana mirou-o de alto a baixo como quem tenta adivinhar a resposta às perguntas que tenciona fazer e, depois de quatro fungadelas, interrogou-o:
– Olha lá, esqueceste o que disse?
Fez-se desentendido.
– Quando?
– No dia em que te contratei.
– Já foi há bastante tempo, não sei a que se refere.
– Rui, Rui, não brinques comigo. És bom funcionário e eu sou tua amiga, mas não admito despautérios, ouviste?
Ele baixou a cabeça, sem saber como reagir. Susana preparava-se para ser mais direta, quando tudo se resolveu da pior maneira possível para o pobre do Rui: Karen fez uma entrada triunfante no *hostel*, de braço dado com o maldito japonês que acabava de chegar de Tóquio!
– *Hello! Hello!*



A expressão do Rui falava por si; a patroa, que realmente era amiga dele, percebeu tudo, teve pena de o ver tão desgostoso, resolveu atirar aquele «caso» para trás das costas e não tocar mais no assunto. Karen, eufórica com a chegada do namorado, desatou a falar com todos os presentes em simultâneo, e então é que não se percebia mesmo nada do que dizia. Ou talvez o japonês percebesse, pois sorria-lhe e acenava que sim. Com cara de parvo, pensou o Rui, um completo idiota. E horrendo. Como é que uma mulher como a Karen pode gostar dele? Se pudesse, expulsava-o do país com ordens estritas para nunca mais voltar. Ou, pelo menos, expulsava-o do *hostel*.

— Estás pálido — disse-lhe a patroa —, vai à cozinha beber um copo de leite ou comer qualquer coisa que eu atendo. Rui pegou-lhe na palavra e disparou para a cozinha a ferver de raiva. Sentia-se traído, humilhado, aparvalhado. «Fui um parvo! Que parvo que fui! Quem me mandou acreditar nela?»



Encostado à janela, olhava a rua sem ver nada nem ninguém. A respiração embaciou o vidro, com a ponta do dedo desenhou-lhe em cima um ror de palavras que pouco depois preferiu apagar para evitar problemas. Susana encontrou-o na mesma posição, absorto, magoado.

– Vai para casa. Hoje estás dispensado.

Ele lançou-lhe um olhar em que se misturavam gratidão e pedidos de desculpa.

– Volta amanhã à hora do costume. Espero por ti, está bem?

– Está.

Desolado, abandonou o edifício e dirigiu-se à paragem de autocarro, mas não lhe apeteceu ficar ali à espera de transporte, nem viajar no meio de outros passageiros. Habitara-se a caminhar, foi a pé para casa.

«Assim que entrar em casa, meto-me no duche. Preciso de tomar um duche frio para refrescar as ideias.» Afinal, preferiu não tomar frio e sim morno, e a água ajudou-o a serenar. No entanto, jantou pouco, deitou-se cedo e mergulhou num sonho agitado, que de manhã teve dificuldade em recordar.



«Acho que incluía a Karen a correr numa pista de atletismo. Ou seria a Elisa?»

A imagem da rapariga tristonha que chorara por ele às escondidas na escola de teatro ganhou volume, ganhou cor, estremeceu-o.

«Coitada, gosta de mim e eu tratei-a mal.»

Bom, mal não tratara, limitara-se a ser frio e distante porque pura e simplesmente ela tinha deixado de lhe interessar.

«E, quando uma pessoa não nos interessa, que havemos de fazer? Não se gosta por obrigação.»

A figura atlética e elegante da Karen emergiu e sobrepôs-se à da Elisa.

«Parecia interessada em mim...»

Quieto e de olhos fechados, recordou os passeios que tinham feito juntos, o braço dela enfiado no seu, as palavras doces que não entendia. E teve saudades. Mas pouco a pouco a realidade impôs-se. Karen aceitara que a conduzisse pelos mais variados recantos lisboetas. Simpatizara com ele. Oferecera-lhe... amizade.



«Eu, Rui, é que me convenci de que estávamos a criar uma relação de outro tipo. Mas não passou de ilusão. Agradável, estimulante, boa enquanto durou. Agora, é preciso esquecer, deslembrar, olvidar, apagar. E ponto final.»

Intenções do género são sempre mais fáceis de formular do que de pôr em prática. Mas é importante que se assumam, que se aceite que vai levar o seu tempo e que não se desista.

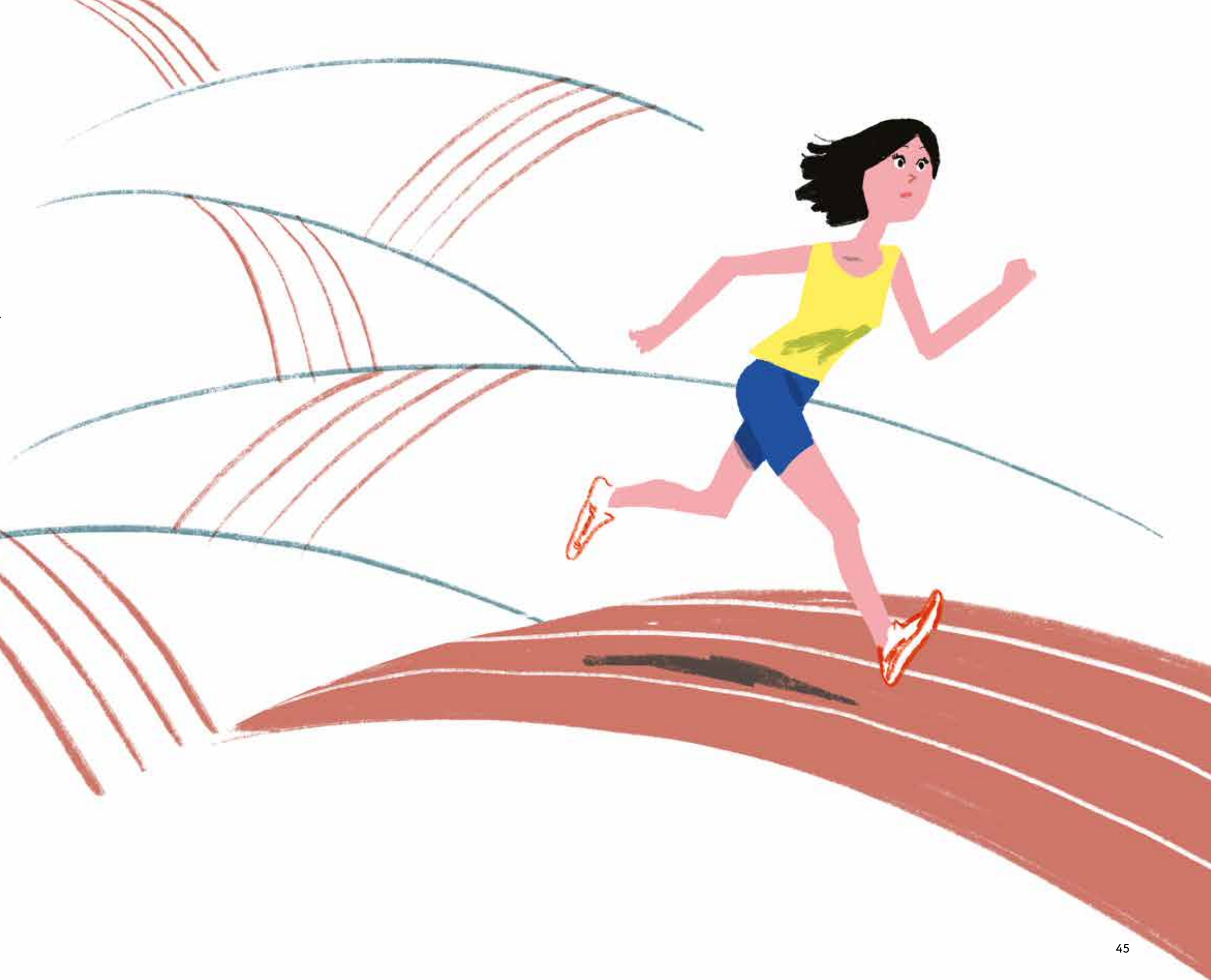
Rui não tornou a ver nem dinamarquesa nem japonês porque, quando retomou o serviço, já tinham ido embora.

Susana não fez comentários mas, apercebendo-se de que ele continuava amachucado, um dia disse-lhe a despropósito:

– Sabes uma coisa, Rui? A dor da mordedura de um cão só se cura com pelo de outro cão.

Ele sorriu, ficou a pensar no assunto e resolveu seguir o conselho.

«É fácil e tem nome: Elisa.»



Ainda receou que entretanto ela tivesse arranjado outro, mas não. Acolheu-o de braços abertos e com uma alegria comovente nos olhinhos piscos. O abraço foi saboroso e a troca de impressões esplêndida, porque Elisa, tão querida, não lhe perguntou nada. Que alívio!

Os colegas perceberam que eles tinham reatado e aprovaram.

– Ainda bem!

– Vocês foram feitos um para o outro.

O professor fingiu não dar importância, mas também ele ficou satisfeito. Elisa era uma ótima atriz e, a choramingar pelos cantos, prejudicava-se a ela própria e ao grupo. Quanto ao Rui, ultimamente faltara várias vezes aos ensaios; se retomasse o namoro, acabavam-se as faltas, o que era excelente.



Nessa tarde, correu tudo às mil maravilhas. Ninguém gaguejou, ninguém se esqueceu das deixas, todos sem exceção deram o seu melhor.

– Parabéns. Hoje estiveram fantásticos. Se, no dia em que apresentarmos a peça, atingirem o mesmo nível, vai ser o vosso primeiro sucesso.

Elogios sabem sempre bem. Saíram da escola leves como as penas que voam pelo ar. Rui e Elisa, abraçados, seguiam à frente.

– Para onde vão?

– Vamos até ao Parque Eduardo VII.

– Aqui não há autocarro que vos sirva.

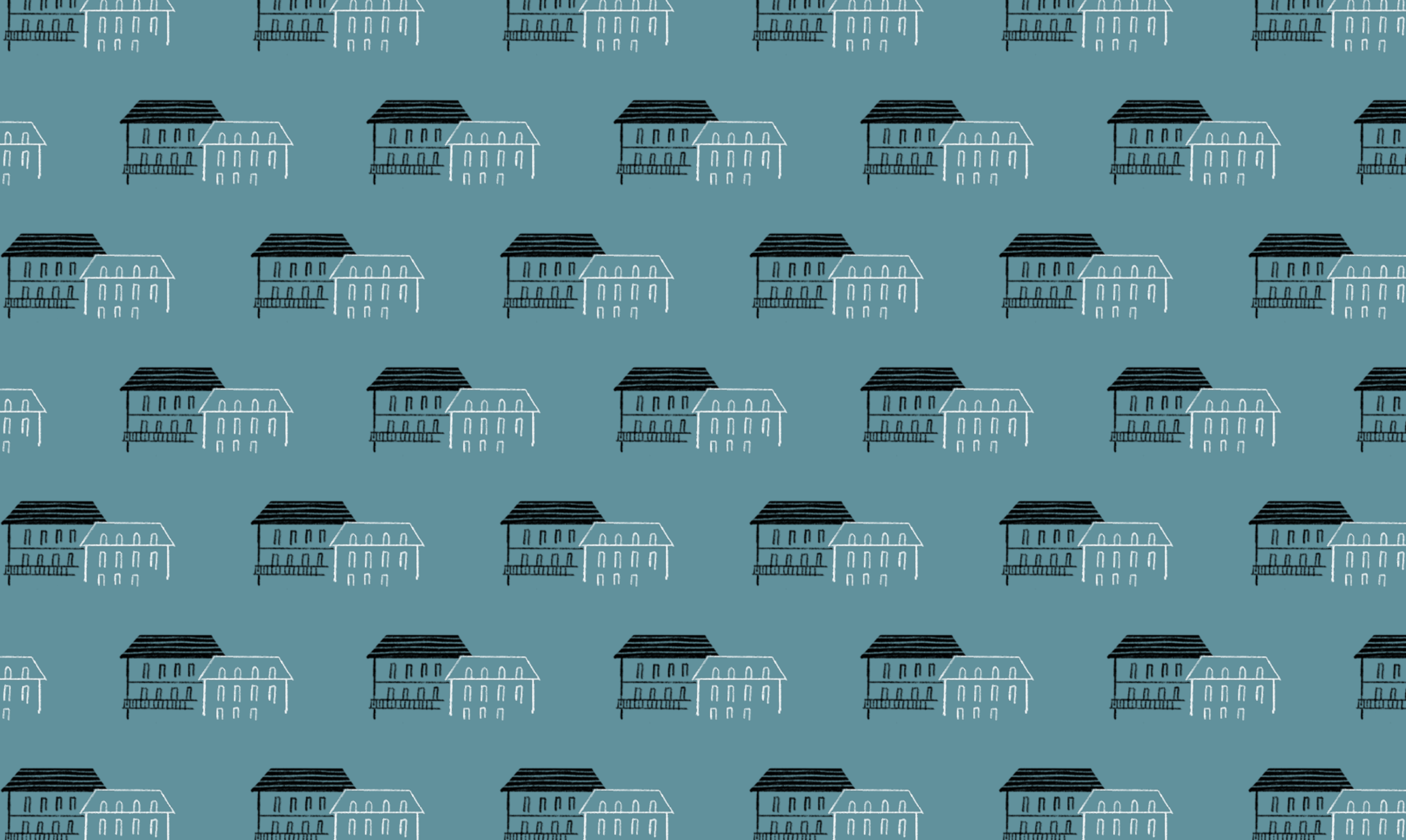
– Nem precisamos – disse o Rui, com um sorriso matreiro.

– Vamos a pé.

– Olhem que ainda é longe.

– Pouco importa. Andar a pé faz bem à saúde e garante boa condição física. Até amanhã!





PELA
CIDADE
FORA

educação para a mobilidade
LISBOA

